

A Sátira de Dois Gumes: O Perigo da Representação Vampiresca de Pinochet no Filme *El Conde* (2023)¹

Carlos Felipe de Oliveira SOUZA²

Sebastião Guilherme ALBANO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este trabalho busca criticar a vampirização do ditador Pinochet na obra “*El Conde*”, de Pablo Larraín. Para isso, é utilizada a metodologia de análise fílmica proposta por Penafria, a fim de compreender a obra bem como sua mensagem, associando com leituras sobre a adoração do vampiro na literatura e no cinema, para assim poder apontar para o risco de transformar um símbolo de fascismo e repressão num ser mitológico aclamado. Quiçá o que esteja em jogo nas produções da Netflix seja uma espécie de acumulação primitiva no campo da representatividade, suscitando que o espaço público contemporâneo ondula entre globalizado ou cosmopolítico, segundo Nancy e Stengers.

PALAVRAS-CHAVE: Pinochet; ditadura; cinema; análise; vampiro.

INTRODUÇÃO

Autodeclarado marxista, Salvador Allende venceu a corrida presidencial no Chile em 1970, planejando assim implantar um modo de socialismo democrático no país latino, mais leninista que stalinista. Contudo, em 11 de setembro de 1973, foi vítima de um golpe de Estado (BORGES, 2023; p. 11, 13). O mandante, general Augusto Pinochet, assumiu o cargo de chefe do Estado Maior do Chile em 1974, permanecendo como presidente ditador por 14 anos.

Durante o regime autoritário, os cárceres e os campos de concentração existentes no Chile transformaram-se em depósitos de presos políticos. O número estimado de cidadãos apreendidos e torturados é de 27.192, sendo 3.399 o número mulheres (CHILE, 2005). De acordo com o informe da Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura (2005), do total das mulheres presas, 229 estavam grávidas, e 15 tiveram seus filhos nesses porões insalubres. O número de exilados no país pode ter alcançado cifras de dois dígitos.

Com esses dados, é possível visualizar o quão devastadora foi a exceção chilena não só para os perseguidos, os presos, os exilados, os assassinados e os desaparecidos,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN, e-mail: carlos.souza.073@ufrn.edu.br.

³ Professor do DECOM e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN, e-mail: albanoppgem@gmail.com.

como também para seus familiares ou toda e qualquer pessoa que foi e ainda é afetada por esse trauma histórico. Pinochet regeu o país de forma dura, até que o Estado britânico resolve detê-lo em 1998, a pedido do juiz espanhol Baltazar Garzón, atendendo a um processo jurídico pela tortura e assassinato de cidadãos espanhóis, na época da ditadura militar chilena (NAFFAH, 2001).

Como resultado do julgamento, Pinochet foi plebiscitado em 1988. Contudo, ao sair da presidência, se instalou no senado, com o cargo de “senador vitalício”, criado por ele mesmo. Renunciou ao cargo em 2002 por questões de saúde, e em 2006, veio a falecer. Mas não foi assim para Pablo Larraín, cineasta chileno, que forja um Pinochet póstumo e imortal no filme *El Conde* (2023).

Na obra, o ditador é introduzido como Claud Pinoche, vampiro nascido na França. Soldado da coroa, fugiu do país após a Revolução Francesa, e instalou-se na América Latina, onde adotou o nome Augusto Pinochet, e buscou o domínio do país chileno por meio do exército. Adiante, o filme acompanha o ex-general após sua morte forjada: vivendo numa casa no campo, sendo um homem senil que não possui mais vontade de viver. O filme começa a se desenrolar quando uma freira exorcista disfarçada de contadora chega para ajudar a dividir a herança do vampiro com os filhos, que não herdaram o gene sanguinário.

Malgrado esse traço da trama do filme hospedado pela Netflix avenge a possibilidade de uma alegoria acerca das forças político-partidárias mais frequentes e representáveis nas democracias modernas e contemporâneas (esquerda, direita, conservadorismo, liberalismo, socialismo, inclusive com gestos narrativos que admitem a eterna promessa desta última variante constituir-se como um modelo para a civilização e suas subversões por correligionários e por opositores, lugar comum do discurso dos limites eleitorais e de governabilidade do socialismo. Inclusive no Chile houve rachas marcantes dentro da Unidade Popular, a sigla onde se abrigaram as forças de esquerda).

El Conde é uma sátira ao ditador: seu povo já não lhe idolatra, sua família só quer sua herança, e sua nova paixão (a freira) quer lhe exorcizar. Um final condizente para um monstro orgulhoso de sua condição monstruosa a despeito de certa melancolia a fim aos seres de sua condição de poderosa perenidade. Porém, cremos que nesse retrato ambíguo realizado por Larraín e sua equipe descansa um risco de revisionismo do monstro político e histórico em eficiência moral limitada por sua tradição literária

como anti-herói. Dessa forma, este trabalho roça a crítica do filme e a mensagem que ele transmite e critica a “vampirização” de Pinochet, que possibilita a sua associação com um ser místico aclamado.

METODOLOGIA

É possível que a narrativa enganche o espectador sem antes permitir que ele entenda os apontamentos feitos, digamos, secretamente, na paratextualidade que o filme propõe. Logo, pretende-se utilizar da análise fílmica para poder compreender nossa perspectiva interna e externa à narrativa. Penafria (2009) discorre que,

[...] analisar um filme é sinônimo de decompor esse mesmo filme. E embora não exista uma metodologia universalmente aceita para se proceder à análise de um filme é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar. (PENAFRIA, 2009, p. 01).

Assim, propõe-se utilizar o método de análise de conteúdo, que segundo Penafria, baseia-se em considerar uma obra como um relato, e em seguida decompô-la para interpretação (PENAFRIA, 2009; p. 6). Em paralelo nos subvencionamos por ideias emitidas por Jean Luc Nancy acerca da criação de mundos e de Isabelle Stengers atualizando o internacionalismo sob a chave da cosmopolítica (NANCY, 2002; STENGERS, 2018). Para isso, é necessário identificar o tema do filme e resumi-lo, logo para nós: *El Conde* é sobre a história póstuma de Pinochet, em que o protagonista funciona como uma alegoria ao fascismo, derrotado e supostamente morto após anos de derramamento de sangue, porém ainda vivo, pronto para rejuvenescer e voltar à ativa na rapidez de uma mordida.

Portanto, a despeito de mostrar o contrário, o filme dispõe-se como uma busca pelo esquecimento mais que uma perpetuação de Pinochet em si. Os valores contrários ao despotismo devem apagar-se, talvez anarquicamente sob as diretrizes do espaço público globalizado e não cosmopolítico, com o novo modo de vida do general encarnando um vampiro, e sua recuperação em termos de paisagens naturais nacionalistas, de ordem familiar, de hierarquias domésticas aludindo vantagens sádicas e reacionárias.

ENTRE CANINOS E GRANADAS

A crítica feita por Pablo Larraín peca por não trazer um apanhado histórico da ditadura chilena, introduzindo o conde apenas numa visão pré e pós regime. Ao fazer isso, é possibilitada ao espectador mais desavisado uma interpretação sem julgamentos. Pior que isso, dá abertura para o apego ao vampiro, que é um símbolo cultural adorado.

Seguindo uma estética gótica na direção de arte, o diretor assemelha Pinochet ao Drácula de Bram Stoker, mas faz algumas mudanças. Ao contrário da capa preta, o protagonista usa seu uniforme de general; ao invés de chupar sangue, ele come corações; ao invés de se transformar em morcego, ele voa como o super-homem.

Imagem 1 - Pinochet sobrevoando a cidade.



Fonte: El Conde (Pablo Larraín, 2023)

Marta Ferraz (2001, p.23) se pergunta “porque possuem tamanho carisma seres que matam e sugam sangue?”. Ela responde à própria pergunta dizendo que o vampiro é um “antidivino sagrado demoníaco”; se Cristo por meio do seu sangue dá a vida eterna por meio da ressurreição, o vampiro oferece a vida eterna por meio de seu batismo de sangue. De um ponto de vista psicanalítico, ainda se faz possível a relação do ser vampírico a um bebê, que morde o seio da mãe quando quer leite materno, tão vitalício para a criança como o sangue para o monstro de caninos (KONH, 2012; p.308).

“O mito do vampiro é uma arca que pode sempre ser saqueada, como caixa de Pandora, sempre trará surpresas. Pertence à história da humanidade. O homem pode não alcançar a eternidade, mas o vampiro já é eterno” (FERRAZ, 2013). E assim como ele,

é eternamente adorado na literatura e no cinema. Transformar um ditador num vampiro é pôr em risco que essa adoração seja transmitida a ele.

CONCLUSÃO

Ao pensar na produção do filme, o diretor tece uma sequência histórica quase linear: nascimento na França, juventude no exército, velhice na casa de campo. Para onde foi a vida adulta comandando o regime ditatorial que culminou na morte de diversas pessoas? Claro, Larraín não é obrigado a trazer essa parte em seu roteiro, mas a falta dela possibilita outras leituras.

Mesmo com a intenção de crítica, o diretor comete um deslize ao fazer a associação, principalmente por não retratar Pinochet como um ditador, e sim só como um vampiro. Mesmo ao apresentar o uniforme de general, que pesa muito para a história chilena, latina e global, seu significado se perde na trama, agora sendo só um acessório que substitui a capa preta e vermelha do Drácula.

REFERÊNCIAS

BORGES, M. W. S. **Chile**: “da via eleitoral para o socialismo” do governo Allende ao golpe de Estado de Pinochet - a cobertura da política chilena no jornal Opinião (1972-1977). Trabalho de Conclusão de Curso. Natal, 2023.

CHILE. Ministerio del Interior. **Informe**: Comision Nacional sobre Prision Politica y Tortura. Santiago: Ministerio del Interior, 2005. Disponível em: <<http://www.derechoshumanos.net/paises/America/derechos-humanos-Chile/informes-comision-es/Informe-Comision-Valech.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

FERRAZ, Salma. **Vampiros**: o mito é o nada que é tudo e de todos. Nova Revista Amazônica, v. 1, n. 1, p. 107-133, 2013.

KOHN, Max. **O vampiro, um não morto ainda vivo**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 15, p. 301-309, 2012.

NAFFAH, A. **O julgamento de Augusto Pinochet**. Ideias sobre a relação memória-esquecimento na elaboração de traumas coletivos. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 4, p. 47-60, 2001.

NANCY, J. **Mondialisation ou La création du monde**. Paris: Galilée, 2002.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s)**. In: VI Congresso Sopcom. 2009. p. 06-07.

STENGERS, I. **A proposição cosmopolítica**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 69, p. 442-464, 2018.